

Entre a linguagem e a poesia: uma análise sintática sobre *Os Sertões*

Déborah Christina de Mendonça Oliveira (UCB)

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar alguns aspectos sintáticos presentes na obra *Os Sertões* de autoria de Euclides da Cunha. O trabalho terá como foco de análise os seguintes pontos: as construções das sentenças, a pontuação utilizada, as formas verbais e a posição dos adjetivos presentes na referida obra. Tais aspectos receberão, muitas vezes, um tratamento linguístico; isso significa que a abordagem dos temas terá como referencial teórico as teorias linguísticas mais recentes. Sabe-se, no entanto, que o estudo do estilo não se esgota nos aspectos formais de composição.

Palavras-chave: Adjetivos; Euclides da Cunha; formas verbais; pontuação; sintaxe.

ABSTRACT: *This article aims to analyze some syntax aspects observed in the book *Os Sertões* written by Euclides da Cunha. This work will focus the analysis on some points, such as: the sentence constructions, the punctuation, the verbal forms and the position of adjectives. Those aspects will receive sometimes a linguistic treatment; this means that such aspects will be explained using a theoretical contribution of some modern linguistic theories. We know, however, that the study of styles cannot be exhausted on the formal aspects of the composition.*

Keywords: *Adjectives; Euclides da Cunha; verbal forms; punctuation; syntax.*

Introdução

O presente trabalho foi suscitado por uma discussão inicial acerca de *Os Sertões* de Euclides da Cunha, promovida por meio de uma mesa-redonda intitulada “Linguagem, poesia e ciência: encontros e confrontos em *Os Sertões*”, da qual participei em maio de 2010, na Universidade Católica de Brasília, cujo objetivo era debater aspectos literários e linguísticos da obra em questão. Portanto, a análise apresentada, neste artigo, é resultante, em parte, da apresentação feita na ocasião desta mesa-redonda.

Este estudo terá como enfoque alguns aspectos da sintaxe do texto de Euclides da Cunha, a saber: a forma de construção das sentenças, a pontuação, as formas verbais e a posição dos adjetivos. Tais aspectos receberão, muitas vezes, um tratamento linguístico; isso significa que a abordagem dos temas terá como referencial teórico as teorias linguísticas mais recentes. Sabe-se, no entanto, que o estudo do estilo não se esgota nos aspectos formais de composição.

Antes de iniciar a análise, não se pode deixar de fazer menção, nestas notas preliminares, ao contexto histórico em que se estabeleceu o texto *Os Sertões*, pois grande é a influência que fatores, tais como: o contexto histórico, social e político exercem na estruturação do conteúdo da obra e na análise dos efeitos de sentido que encontramos na manifestação verbal do texto.

A obra *Os Sertões* de autoria de Euclides da Cunha foi publicada em 1902. Em 1897, Euclides da Cunha havia sido enviado pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, como correspondente, ao norte da Bahia, para fazer a cobertura do conflito no arraial de Canudos, liderado por Antônio Conselheiro. Segundo o Governo da época, a revolta era liderada por fanáticos monarquistas, que lutavam contra a República. O livro *Os Sertões* é fruto, provavelmente, do que o autor viu e pesquisou sobre o movimento. Nos primeiros artigos que Euclides enviou para o jornal *O Estado de S. Paulo*, o autor apresentou o conflito de Canudos sob a ótica republicana, que via no movimento uma tentativa contra o Governo. Entretanto, após um olhar mais acurado, o autor pôde fornecer ao leitor a real dimensão da história, que ele define como um crime na significação integral da palavra.

A obra está dividida em três partes: *A terra*, *O Homem* e *A Luta*. A linguagem do autor é, muitas vezes, técnica e sisuda, permeada de expressões científicas. O estilo utilizado por Euclides, representado pelas construções sintáticas, infunde na obra uma preocupação estética, em que a forma tenta reproduzir o conteúdo do texto. O texto narra a situação de miséria do sertanejo, causada pela seca, e o massacre promovido pelo Exército brasileiro para pôr fim à iniciativa de Antônio Conselheiro e de seu grupo, como bem observou Souza (2009):

O narrador que se acopla estruturalmente ao pintor euclidiano da natureza procura sempre apresentar o efeito trágico da guerra de Canudos, e não a guerra em si mesma. Não se atém aos golpes e contragolpes das cenas de batalhas entre os exércitos rivais. Concentra-se no emolduramento dos quadros da natureza, viabilizando a pintura das cenas dramáticas, que representam a reviravolta catastrófica dos abatidos em combate. (p. 37)

Depois de feitas a introdução e a contextualização da obra em discussão, passemos à análise dos aspectos propostos para este trabalho.

1. A construção das sentenças

Em primeiro lugar, ressalta-se a maneira como as construções são elaboradas em *Os Sertões*. Observam-se períodos extensos seguidos, às vezes, de sentenças curtas, que funcionam como hiatos ou como freadas bruscas para repousar a leitura de um texto que é

denso. Esses intervalos consistem em frases soltas e isoladas, que podem retomar um período anterior ou apresentar um período seguinte, como no trecho destacado abaixo:

Estiram-se então planuras vastas. Galgando-as pelos taludes, que as soerguem dando-lhes a aparência exata de tabuleiros suspensos, topam-se, a centenas de metros, extensas áreas ampliando-se, boleadas, pelos quadrantes, numa prolongação indefinida, de mares. É a paragem formosíssima dos campos gerais, expandida em chapadões ondulantes – grandes tablados onde campeia a sociedade rude dos vaqueiros...
Atravessemos-la. (p. 17)

Essa característica da obra de Euclides da Cunha é apresentada também por Souza (2009), que afirma que a mutação repentina em um parágrafo de uma única oração, na forma imperativa, manifesta a intenção do narrador de atravessar a belíssima região. Segundo ele, o ditame inclui, ainda, um convite ao leitor disposto à excursão nos maravilhosos domínios dos campos gerais.

Os períodos extensos da obra exemplificam o caráter criativo da linguagem humana e oferecem provas da recursividade nas línguas naturais. O aspecto criativo da linguagem humana constitui uma diferença essencial entre os sistemas linguísticos de comunicação humana e os sistemas de comunicação animal. De acordo com Chomsky (1998), nenhuma criança tem de aprender que há sentenças de três palavras e sentenças de quatro palavras, mas não sentenças de três palavras e meia, e que é sempre possível construir uma sentença mais complexa, com uma forma e significados definidos.

A abordagem gerativa, por exemplo, tem como questão de investigação identificar as características das línguas naturais que lhes atribuem caráter único. Para isso, a teoria prima por um estudo internalista da linguagem, que tenta descobrir as propriedades do estado inicial da Faculdade de Linguagem. Pode-se afirmar que o recurso de que as línguas humanas dispõem para gerar sequências potencialmente infinitas em extensão, a partir de regras finitas, é denominado recursividade. Essa característica pode ser observada nos trechos de *Os Sertões* como no apresentado abaixo, que reúne 87 palavras em um único período:

Adiante, a partir de Monte Alto, estas conformações naturais se bipartem: do rumo firme do norte a série do grés figura-se progredir até o platô ateno do Açuruá, associando-se ao calcário que aviva as paisagens na orla do grande rio, prendendo-as às linhas dos cerros talhados em diáclase, tão bem expressos no perfil fantástico do Bom Jesus da lapa; enquanto para nordeste, graças a degradações intensas (porque a Serra Geral segue por ali com anteparo aos alísios, condensando-os em diluvianos aguaceiros) se desvendam, ressurgindo, as formações antigas. (p.17)

Usando esse processo de concatenação, podem-se construir sentenças curtas e muito longas. Isso significa que a competência de um falante nativo permite a ele formar sentenças muito extensas, utilizando a recursividade. No entanto, questões relativas ao desempenho impedem os falantes de produzir sentenças muito extensas. Isso ocorre, porque no nível do desempenho entram em jogo questões como: limitação de memória, dificuldade de processamento, atenção, entre outras.

2. A pontuação

Como afirmado na seção anterior, o livro de Euclides da Cunha é construído por períodos ora muito curtos, ora muito extensos. Portanto, para proporcionar uma leitura adequada dos enunciados, o autor apresenta uma pontuação com rigoroso senso de disciplina e contenção.

De acordo com Corrêa (1978), para garantir fluidez e agilidade na leitura do texto, Euclides utiliza a pontuação como um recurso para quebrar a monotonia dos períodos infíndáveis, nos quais a ideia central se amplifica em sucessivos desdobramentos. Multiplicam-se, assim, os ponto-e-vírgulas, as vírgulas e demais sinais de pontuação que exercem uma função importante no estilo da linguagem do autor. Sem pontuação, os períodos infíndáveis da obra se tornariam, provavelmente, ininteligíveis.

Um aspecto, ainda relevante, é a forma como a pontuação é utilizada. Em muitos casos, o autor parece “desobedecer” às regras de pontuação padrão. Além disso, faz pausas em momentos inesperados.

Na tradição gramatical, a pontuação é compreendida como recurso rítmico e melódico da escrita, uma vez que essa não dispõe dos mesmos recursos da língua falada. Segundo Rocha Lima (1969), a pontuação constitui pausas rítmicas, assinaladas na pronúncia por entonações características, que na escrita são representadas por sinais especiais. Com base nessa definição, pode-se, por exemplo, analisar trechos como o seguinte a partir dos efeitos melódicos que o autor gostaria de imprimir em seu texto:

Nada é mais surpreendedor do que vê-lo desaparecer de improviso. Naquela ocasião combatida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrige-se-lhes, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual do órgãos; [...] (p. 119)

Na tradição linguística, é também possível explicar o uso da pontuação recorrendo às questões fonológicas. Por outro lado, é possível levantar questões relativas à sintaxe das sentenças. Observa-se, por exemplo, que o uso da vírgula em períodos simples e compostos respeita as fronteiras de constituintes e que a vírgula funciona, entre outras coisas, para marcar deslocamentos dentro da sentença.

Um constituinte pode ser definido como uma unidade sintática hierarquicamente construída, que possui uma função sintática e que se forma a partir de um núcleo. Um constituinte pode receber o nome de sintagma. Em uma sentença ambígua como: “O juiz julgou o réu inocente”, extraída de Mioto *et al* (2005), o uso de uma vírgula após a palavra “réu” poderia minimizar a possibilidade de dupla interpretação. Nesse caso, a pontuação marcaria o fato de que nessa interpretação, “inocente” não está modificando o termo “réu”.

Voltemos ao texto de Euclides da Cunha. Portanto, a pontuação utilizada pelo autor exerce uma função importante na linguagem de *Os Sertões*. Segundo Corrêa (1978), o estilo de Euclides da Cunha pode ser comparado a um desses rios dos sertões brasileiros cujas águas não se detêm nos remansos, no suave e sereno deslizamento da corrente; vão saltando os obstáculos, precipitam-se com fúria nos abismos, avançam ou recuam em refreios bruscos, procurando conter-se no curso sinuoso do leito. Assim, a pontuação, apresentada na obra, tem como objetivo gerar um caráter melódico, além de apontar um estilo único.

3. As formas verbais

Passemos à análise das formas verbais. Em *Os Sertões*, os verbos são muito utilizados em repetições, que podem tentar transmitir ao leitor uma sensação de movimento, como no trecho abaixo:

[...] desarmando-se; desapertando os cinturões, para a carreira desafogada; e correndo, correndo ao acaso, correndo em grupos, em bandos erradios, correndo pelas estradas e pelas trilhas que as recortam, correndo para o recesso das caatingas, tontos, apavorados, sem chefes...
(p. 367)

Segundo Corrêa (1978), nesse trecho tem-se uma sensação física de movimento, acompanhando o temor e o pânico que se apoderaram dos soldados que saíam em retirada. Tal sensação, que acompanha a ideia de movimento, veiculada no plano do conteúdo, dá-se pela repetição do verbo “correr” no gerúndio, no plano da expressão.

O gerúndio possui uma característica marcante quanto ao seu aspecto: poder marcar um processo contínuo, conforme excerto abaixo:

De sorte que quem o contorna, **seguindo** para o norte, observa notáveis mudanças de relevos: a princípio o traço contínuo e dominante das montanhas, **precipitando-o**, com destaque saliente, sobre a linha projetante das praias; depois, no segmento da orla marítima entre o Rio de Janeiro e o Espírito Santo, um aparelho litoral revolto, feito da envergadura desarticulada das serras, riçado de cumiadas e corroído de angras, **escancelando-se** em baías, e **repartindo-se** em ilhas, e **desagregando-se** em recifes desnudos, à maneira de escombros do conflito secular que ali se trava entre os mares e a terra. (p. 11-12, grifos meus)

Ressalta-se que a noção de aspecto distingue-se da noção de tempo verbal. O aspecto é uma categoria gramatical que representa distinções na estrutura temporal do evento. Um evento, por exemplo, pode ser entendido como ocorrendo em um único momento, como uma única ocorrência ou como uma série de ocorrências que se repetem; pode ser visto começando, continuando ou terminando. O gerúndio, em geral, apresenta um aspecto contínuo ou progressivo, em que o evento estende-se no tempo. No caso da obra euclidiana, parece que o gerúndio agrega à leitura uma interpretação de continuidade e de movimento.

Souza (2009) afirma que, desde o prólogo dramático, o narrador de *Os Sertões* apresenta, por meio das formas verbais, o perspectivismo da percepção do viajante que contorna o planalto central, seguindo para o norte. A arte do narrador representa a pluralidade das percepções do observador, a fim de que a multiplicidade narrativa se apresente de modo ordenado.

Na grandiosa abertura do prólogo dramático, a movimentação do planalto, **que se representa no dinamismo dos verbos “desce”, “desata-se”, “descamba”**, decorre da configuração metonímica da percepção. (SOUZA, 2009, p. 17, grifos meus)

A observação feita por Souza (2009) revela o aspecto itinerante do narrador do texto. Essa sensação de movimento é garantida, portanto, por um ponto de vista plural, traduzido nas ocorrências verbais, presentes na narrativa de Euclides da Cunha.

4. Os adjetivos

O último ponto que iremos discutir é a posição dos adjetivos na obra *Os Sertões*. Esse uso parece ser ressaltado em vários estudos sobre a obra. De acordo com Corrêa (1978), alguns críticos chegam a colocar, no adjetivo, a tônica do estilo de Euclides da

Cunha. Com efeito, não se pode negar que nesse elemento resida uma das marcas da linguagem do escritor.

Uma preocupação do autor é a posição do adjetivo no sintagma nominal. No português do Brasil, o adjetivo pode ser posicionado à direita ou à esquerda do núcleo nominal: pode-se ter “bonita garota” e “garota bonita”. No entanto, essa aparente mobilidade do adjetivo pode marcar alteração de sentido na sentença, como em: “Paulo é um grande homem” e “Paulo é um homem grande”. Essa possibilidade de estar anteposto ou posposto ao nome, entretanto, não é geral à classe dos adjetivos, como observado em: “camisa verde” e “*verde camisa”.

A ordem adjetivo – substantivo atribui ao caracterizado a função típica dos elementos da área esquerda do sintagma nominal, tais como: quantificadores e determinantes em geral. Cabe salientar que a simples inversão de ordem pode fazer de uma palavra como “inimigo” mudar de função sintática, como: “um avião inimigo” e “um inimigo terrível”. Esses exemplos extraídos de Perini (2001) demonstram que, no primeiro sintagma, o termo “inimigo” funciona como modificador e no segundo, funciona como núcleo do sintagma nominal, o qual é modificado por “terrível”. A ordem adjetivo – substantivo parece ser mais enfática, enquanto que a ordem substantivo – adjetivo apresenta o adjetivo como elemento caracterizador por excelência, uma vez que essa é a ordem não marcada.

O texto de Euclides da Cunha prefere a ordem substantivo – adjetivo, tais como nos sintagmas: “veados ariscos”, “estações benéficas”, “vales secos”, “flora estupenda”, entre outros. Para Corrêa (1978), a preferência de Euclides da Cunha por essa forma é uma decorrência do valor que ele emprestava ao adjetivo como elemento caracterizador por excelência. A estrutura substantivo – adjetivo, preferida pelo autor, pode ser evidenciada nos excertos abaixo, extraídos de *Os Sertões*:

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. (p. 118)

Segue a boiada vagorosamente, à cadência daquele canto triste e preguiçoso. (p. 131)

Tal uso pode ser justificado, ainda, se atentarmos para a nota preliminar do autor, na qual Euclides da Cunha afirma ter a intenção de que a obra expresse a sinceridade que deve ter um narrador diante da história, ou seja, existe uma preocupação com a

objetividade e exatidão dos conteúdos descritos. Esse aspecto do texto deve-se à refutação euclidiana do divórcio da ciência e da arte. A respeito da união entre ciência e poesia na obra euclidiana, Souza (2009) afirma:

Como cientista ou poeta, mas sobretudo como cientista e poeta, a Euclides não importa senão ser geopoeta, que é o poeta que se emparelha com a terra na tentativa de corresponder ao ritmo formativo da potência telúrica. Não basta observá-la com a ótica monocular dos conceitos solidificados. Necessário se torna conciliar dinamicamente a imaginação poética e a observação científica. Se não se dissolve a solidez dos conceitos na fluidez das imagens, não se obtém uma visão genuína da terra. (p. 121)

Portanto, o uso da adjetivação em *Os Sertões*, particularmente, na ordem substantivo – adjetivo está relacionado tanto ao caráter estético da obra, quanto ao rigor descritivo da terra, do homem e da luta.

Conclusão

O presente artigo analisou, portanto, alguns aspectos da linguagem da obra *Os Sertões*, em particular, aspectos relativos à construção sintática do texto euclidiano. Observou-se que a tessitura do livro garante um caráter estético e uma expressividade linguística ímpar. O conjunto de recursos linguísticos utilizados pelo autor imprime no texto um estilo primoroso.

Constatou-se, assim, que as construções das sentenças revelam o caráter criativo da linguagem por meio de orações ora muito extensas, ora muito curtas, que funcionam como freadas bruscas na leitura do texto. A inteligibilidade dos períodos infindáveis é garantida pela pontuação vasta e precisa.

Verificamos, ainda, que as formas verbais, empregadas no livro, permitem ao leitor a sensação de movimento, essencial à natureza multiperspectivada do narrador itinerante. Por fim, a análise demonstrou como a posição dos adjetivos (na maioria, pospostos aos substantivos que eles modificam) na estrutura dos sintagmas nominais do texto infunde na obra a relação entre ciência e poesia, entre forma e conteúdo.

A análise, aqui proposta, tentou apresentar uma visão plural da obra, suscitada, inicialmente, pela proposta da mesa-redonda, da qual esse estudo é resultante. Essa perspectiva deve ser adotada para fazer uma análise adequada ao enfoque transdisciplinar do texto euclidiano.

Referências bibliográficas

- CHOMSKY, Noam. **Linguagem e Mente**. Tradução de Lúcia Lobato. Brasília: UnB, 1998.
- CORRÊA, Nereu. **A Tapeçaria lingüística de Os Sertões e outros ensaios**. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1978, p. 1-21.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina & LOPES, Ruth. **Novo Manual de Sintaxe**. Florianópolis: Insular, 2005.
- PERINI, Mário. **Gramática Descritiva do Português**. São Paulo: Ática, 2001.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 14 ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1969.
- SOUZA, Ronalds de Melo e. **A Geopoética de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

Déborah Christina de Mendonça Oliveira é licenciada em Letras Português/Inglês pela Universidade Católica de Brasília; mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB) e doutoranda em Linguística na mesma instituição. Sua principal área de atuação é o estudo da sintaxe, sob a perspectiva da Teoria Gerativa. (deborah@ucb.br)